



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

JÉSSICA NGHE MUM PRIPRÁ

**O TRATAMENTO DO LIXO E AS IMPLICAÇÕES NA ALDEIA PALMEIRINHA
DA TERRA INDÍGENA IBIRAMA/LAKLÃNÕ, SANTA CATARINA**

Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ, fevereiro de 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

JÉSSICA NGHE MUM PRIPRÁ

**O TRATAMENTO DO LIXO E AS IMPLICAÇÕES NA ALDEIA PALMEIRINHA
DA TERRA INDÍGENA IBIRAMA/LAKLÃNÕ, SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em formato de artigo à Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do grau de licenciada no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica com ênfase em Conhecimento Ambiental.

Professora Orientadora: Ma Cátia Weber

Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ, fevereiro de 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 10 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 14:30 horas, Terra Indígena Laklãnõ/Xokleng, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador **Cátia Weber** e Presidente, Professor **Maria Dorothea Post Darella**, Titular da Banca, e Professor **Clovis Antonio Brighenti**, Suplente, designados pela Portaria nº 62/HST/2014 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Jéssica Nghe Mum Pripira**, subordinado ao título: "O Tratamento do lixo e as implicações na Aldeia Palmeirinha". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora **Cátia Weber**, a nota final 10,0, do Professor **Clovis Antonio Brighenti**, a nota final 9,0, e da Professora **Maria Dorothea Post Darella**, a nota final 9,0; sendo aprovado com a nota final 9,3. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Terra Indígena Ibirama Lakãnõ, 10 de fevereiro de 2015

Banca Examinadora:

Prof. 

Prof. 

Prof. 

Candidato 



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmica **Jéssica Nghe Mum Pripra**, matricula n.º **11100062**, entregou a versão final de seu TCC cujo título é O TRATAMENTO DO LIXO E AS IMPLICAÇÕES NA ALDEIA PALMEIRINHA DA TERRA INDÍGENA IBIRAMA/LAKLÂNÕ, SANTA CATARINA, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 15 de março de 2015.

Assinatura manuscrita em tinta azul da orientadora, Prof.ª Ma. Cátia Weber, sobre uma linha horizontal.

Orientadora – Prof.ª Ma. Cátia Weber

Dedico este trabalho à comunidade da Aldeia Palmeirinha, em especial aos anciãos pela troca de conhecimento. Sem a colaboração de todos não seria possível tornar realidade esse sonho.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, por estar comigo nessa longa caminhada, dando-me saúde e iluminando-me em todos os momentos.

Aos meus pais, Vomble Priprá e Maria Aparecida Priprá pelo apoio e suas orações.

Ao meu marido, amigo e companheiro Sidney V. T. Ya-ói, pela compreensão, paciência e incentivo, você também é merecedor dessa conquista.

Meu agradecimento especial vai para minha professora e orientadora Cátia Weber. Obrigada pelas palavras de incentivo, pela paciência, pelo profissionalismo, pelo exemplo de pessoa e por ter me compreendido em todos os momentos.

À comunidade da Aldeia Palmeirinha pela colaboração.

Obrigada a todos.

Apresentação

O presente trabalho foi escrito no formato de artigo, contemplando os critérios registrados no documento “Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica”, de 31 de outubro de 2013.

O TRATAMENTO DO LIXO E AS IMPLICAÇÕES NA ALDEIA PALMEIRINHA DA TERRA INDÍGENA IBIRAMA/LAKLÃÕ, SANTA CATARINA

Jéssica Nghe Mum Priprá

Resumo

O presente trabalho traz como tema **O tratamento do lixo e as implicações na aldeia Palmeirinha**, procurando entender como os Xokleng/Laklãõ se relacionavam com o meio ambiente no passado e se ainda há uma certa preocupação em relação ao mesmo, trazendo à tona um problema que ao decorrer dos anos vem se agravando na Terra Indígena Laklãõ, mais precisamente no foco deste trabalho. Os dados foram coletados através de entrevistas e conversas informais com familiares, anciões, com o Agente Indígena de Saneamento (AISAN) e a Enfermeira do Posto Indígena de Saúde da aldeia em questão, de forma a responder ao objetivo proposto sobre o tratamento do lixo e as implicações na aldeia palmeirinha, caracterizando uma pesquisa qualitativa. Para a análise dos dados e compreensão das consequências da produção do lixo na TI Ibirama Laklãõ, utilizo o conceito de Paula Brügger (2008) sobre meio ambiente em um contexto amplo. Como resultados concluo que a comunidade da Aldeia Palmeirinha demonstra bastante preocupação com relação ao lixo produzido na aldeia, não tanto pelo risco que pode trazer à saúde mas, principalmente, pela forma como afetará o meio ambiente.

Palavras-chave: Lixo; Povo Xokleng/Laklãõ; Cultura; meio Ambiente.

Ki ùn katxin kabén

Vãnhlál tóg te ki nũ ù liken kũ ãg nõ jó tõ Palmeirinha mẽ dén jãggly tõ lël kég ke jó mẽ kabén tẽ, ãg tõ Xokleng te óg tõ ẽ jóba te mẽ tõ lël kũ mẽ plun ge jó te mẽ kabén tẽ, vãtxỹ te ka ta like tũ tẽ kég ke mũ te vũ vãha ãg gó tõ Laklãõ te mẽ zógy tãvẽ tẽ, ha ẽ txõ mẽ lánlán kũ kabén ke vã. Ẽ txõ mẽ lánlán tóg te jé nũ zé mẽ óg jãnkle kan mũ, ùn txi te mẽ nũ zé óg jãnkle kũ vel, ùn tõ goj tõ lël kég ke mũ te óg blé, vel nũ ùn tõ óg kágtag ge mũ te óg blé zé mẽ óg jãnkle kan mũ, ù like óg tõ dén jógdêg jãggly tõ ãg nõ jó tõ Palmeirinha mẽ tẽ te, to ãkle te ẽ txõ mẽ mã jé. Ẽ txõ vãha ve te ki ãggónhka tõ Palmeirinha mẽ nõdẽ te óg nãli dén jãggly te ve kũ vãjêvitũg gég ke mũ, tóg ké dén jãggly te tõ mẽ ẽ kóggag ke te ẽ tõ mẽ ve te kũ mũ.

Introdução

À princípio escrevo um pouco sobre a minha trajetória escolar até chegar ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente resido na Aldeia Palmeirinha, Terra Indígena (TI) Ibirama/Laklãnõ, município de José Boiteux, no estado de Santa Catarina. Sou casada, tenho uma filha e trabalho na Escola Indígena de Educação Básica (EIEB) Laklãnõ desde o ano de 2013. A minha formação escolar básica teve início no ano de 1999 quando cursei o 1º ano do Ensino Fundamental na Escola Indígena de Ensino Básico Jangó Pripra que era multiseriada. Do 2º ao 5º ano frequentei uma escola não indígena em Barra Dollman, próxima à barragem, em José Boiteux. A partir do 6ª ano passei a ter aulas na EIEB Laklãnõ, localizada na Aldeia Palmeirinha, finalizando o Ensino Médio no ano de 2009. Em 2010 soube que a UFSC iria promover um vestibular específico para um curso voltado para três etnias sendo Kaingang, Guarani e Xokleng. Neste momento vi a oportunidade de ampliar meus conhecimentos sobre um tema que já vinha discutindo desde o Ensino Médio, relativo ao meio ambiente e à educação ambiental e, assim, me lancei neste desafio. Hoje vejo que meu empenho começa a gerar frutos a partir deste artigo.

A preocupação com o meio ambiente nasceu durante as discussões em sala de aula, enquanto cursava ainda o Ensino Médio no ano de 2008, pois durante os preparativos dos trabalhos para a semana cultural, surgiu o tema “**MEIO AMBIENTE**”, apresentado pela minha turma em forma de seminário, o que rendeu muitas discussões e considerações positivas. Desde então, brotou dentro de mim o interesse pela temática, pois passei a olhar o meio ambiente por um ângulo diferente. Infelizmente a escola não deu prosseguimento à discussão no ano seguinte e esse tema não foi selecionado. Nessa época o que consegui observar circulando de vez em quando pela TI, era que as pessoas, inconscientemente (o que ocorre até os dias atuais com a maioria das pessoas), jogavam lixo em qualquer lugar, desmatavam, esse último em menor escala nos dias atuais e também havia esgoto a céu aberto.

Quando surgiu o vestibular para o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, vi neste a oportunidade que estava esperando para estudar melhor sobre os problemas ambientais na TI, e por isso me inscrevi, escolhendo a terminalidade

Conhecimento Ambiental, para que enfim pudesse realizar o sonho de me formar na área ambiental e poder ajudar o meu povo nessa questão.

A pesquisa qualitativa efetivada para este artigo foi desenvolvida no período de agosto a dezembro de 2014, na TI Ibirama/Laklãnõ, especificamente na Aldeia Palmeirinha, local de minha residência. Entrevistei três anciãos desta aldeia, coletando seus depoimentos a fim de contextualizar a relação que o Povo Xokleng/Laklãnõ tinha com o meio ambiente antes do contato e para compreender em que momento os bens manufaturados ocidentais começaram a ser introduzidos na TI a ponto de se tornarem um problema ambiental nos dias atuais. O resultado destes depoimentos é apresentado na primeira parte deste artigo, juntamente com a história do Povo Xokleng/Laklãnõ.

Para entender qual a situação atual do lixo na Aldeia Palmeirinha, realizei observações em residências de moradores desta aldeia, bem como entrevistas com três famílias para compreender melhor a destinação do lixo doméstico. A análise dos dados obtidos com estas entrevistas é apresentada ao longo deste artigo, que está organizado em dois tópicos centrais, sendo que o primeiro apresenta uma breve história do Povo Xokleng/Laklãnõ e o segundo a relação deste povo com meio ambiente na TI Ibirama Laklãnõ. Por fim, nas considerações finais, faço uma reflexão sobre o tema desenvolvido nesta pesquisa e sua possível repercussão na TI Ibirama Laklãnõ.

1. Um pouco sobre a história do Povo Laklãnõ

A Terra Indígena (TI) Ibirama/Laklãnõ situa-se na região do Alto Vale do Itajaí entre quatro municípios catarinenses: José Boiteux, Vitor Meireles, Itaiópolis, Doutor Pedrinho e Mafra. Os limites político-geográficos entre esses municípios ocorrem dentro da TI e por conta disso, o povo teve que tomar a decisão de qual seria a cidade mais frequentada por eles para negócios e compras domésticas. Assim os dois centros urbanos mais visitados pelos Laklãnõ ficaram sendo Vitor Meireles e José Boiteux, este último sendo mais frequentado.

Os meus antepassados sofreram com a chegada dos colonos (chamados no idioma Xokleng de *Zug*) na região do Alto Vale do Itajaí no final do século XIX. Nosso território

tradicional foi invadido pelas companhias colonizadoras para ser vendido a famílias vindas de outros países (alemães, italianos etc.) e passamos a sofrer com os “bugreiros”, caçadores de índios, que corriam as matas matando minha gente.

Em 1914, um Zug, chamado Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, que trabalhava para o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), começou a procurar meus antepassados, tentando entrar em contato amistoso, mas sua intenção era nos colocar todos juntos em um único pedaço de terra para ser mais fácil nos controlar e deixar os colonos produzirem em nosso território tradicional. Estamos nessa TI desde aquela época chamada de “Vanhkala” ou pacificação¹ e nela procuramos desenvolver nosso jeito de ser Xokleng/Laklãnõ. No entanto, com o passar dos anos, o contato com o não índio foi se intensificando e nossa cultura passou a incorporar aspectos da cultura ocidental.

Já na década de 1930, nossa cultura despertou o interesse de pesquisadores como Jules Henry (1941; apud SANTOS, 1973), que esteve com meus antepassados procurando entender a nossa cultura. Em alguns de seus relatos ele menciona que logo depois do contato meu povo sofreu muitas mortes por causa das epidemias de gripe, febre amarela, sarampo etc., trazidas pelo contato com o não índio. Por medo das doenças causarem mais vítimas, Hoerhan proibiu a realização dos rituais tradicionais, como aparece na citação de Santos (1997, p. 57):

Os rituais de furação do lábio inferior dos jovens para a inserção do Tembete, da tatuagem das pernas das meninas e a cremação dos mortos foram proibidos por Hoerhan para evitar as aglomerações que facilitavam a disseminação das doenças endêmicas.

Então, embora não sendo mortos pelos bugreiros, ainda morriam por causa das doenças, o que levou a uma redução drástica da população dos índios Xokleng/Laklãnõ, meus antepassados, nos primeiros anos do contato. Certa vez Eduardo Hoerhan disse em um depoimento que ficou registrado pelo pesquisador Jules Henry em 1932: “Se eu pudesse prever que iria vê-los morrer tão miseravelmente, os teria deixado na mata, onde ao menos morriam mais felizes e defendendo-se de armas na mão dos bugreiros que os assaltavam.”

¹ No dia 22 de setembro, o povo Xokleng/Laklãnõ comemora o “Dia da Pacificação”, como o momento em que seus antepassados pararam de sofrer nas mãos dos bugreiros e colonos da região do Alto Vale do Itajaí. A pacificação é um termo que deriva do apelido dado ao funcionário do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) Eduardo de Lima e Silva Hoerhan que ficou conhecido como “O Pacificador”, por ter empreendido a atração e redução do Povo Xokleng/Laklãnõ na Reserva Duque de Caxias, hoje conhecida como Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ.

(SANTOS, 1997, p. 57). À época da pesquisa de Henry, este registrou que no momento do contato em 1914, Eduardo Hoerhan trouxe para a reserva cerca de 400 índios e em 1932 havia apenas 106 indígenas. (SANTOS, 1997).

Outro pesquisador que esteve entre o meu povo foi o antropólogo Silvio Coelho dos Santos, já citado neste artigo, que fez sua pesquisa na década de 1960 e manteve comunicação com os Xokleng/Laklãnõ por cerca de 50 anos. Seu estudo foi publicado como livro sob o título de “Índios e Brancos no Sul do Brasil”. Ao ler passagens deste livro foi possível entender alguns aspectos da minha cultura que já não são mais praticados em virtude do contato. Quando fez sua pesquisa o professor Silvio Coelho dos Santos teve a oportunidade de conversar com alguns anciãos que ainda mantinham viva a memória do momento da pacificação. Outros pesquisadores entre os quais temos Flávio Braune Wiik (2015) e Alexandre Namen (1994) desenvolveram pesquisas importantes que conseguiram reunir em linhas escritas muito da cultura Xokleng/Laklãnõ antes que a memória fosse perdida com o falecimento dos anciãos. Hoje percebo como essa ação foi importante para manter viva a história do meu povo.

Depois de passadas décadas do confinamento do meu povo em uma Terra Indígena, sofremos com outra ação do Estado brasileiro que, tentando resolver o problema das enchentes no Vale do Itajaí, provocou resultados negativos para o meu povo. A Barragem Norte, que começou a ser construída em 1976 e terminada em 1980, passou a provocar o aumento do nível da água do lago de contenção. A primeira enchente obrigou as famílias que moravam próximo à margem do rio Itajaí Açu a mudar para a parte alta da TI que fica na serra, formando a Aldeia Bugiu, levando a uma mudança na organização social do meu povo, pois perderam uma parte considerável de terras aptas para o cultivo. (HENRIQUES, apud WEBER, 2007, p. 30).

O projeto da barragem não observou a Legislação Ambiental. Nunca foi elaborado um relatório de Impacto Ambiental (RIA). Por tudo isso, pode-se dizer que esta obra acabou se tornando um exemplo de como não se deve construir uma barragem. (SANTOS, 1997).

Então, ano após ano, a cada chuva intensa, que é característico nessa região, novas enchentes impediam a circulação das pessoas nos isolando em nossa terra. Essa situação impede que o transporte coletivo circule dentro da TI, prejudicando o calendário escolar, pois as crianças e jovens ficam muitos dias sem aulas. No ano de 2014, a comunidade da TI

organizou-se e impediram que as crianças e jovens frequentassem as aulas, reivindicando providências para tal situação. Desde o início de 2014 um grupo de famílias montou acampamento na Barragem Norte como forma de pressão para que o governo do estado de Santa Catarina encontre uma solução para a situação que o meu povo vem vivenciando.

1.1 Histórico da Aldeia Palmeirinha

A população indígena hoje conhecida como Xokleng/Laklãnõ soma cerca de 2.000 habitantes e está localizada, em sua maioria, na Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ, que é organizada atualmente em oito aldeias sendo Sede, Palmeirinha, Figueira, Coqueiro, Pavão, Bugio, Barragem e Toldo. Cada aldeia possui um Cacique Regional (eleito com os votos de sua aldeia), havendo também um Cacique Geral chamado de Cacique Presidente, sendo este, eleito por toda a Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ (TI).

A Aldeia Palmeirinha situa-se ao sul da Terra Indígena Ibirama/Laklãnõ e foi fundada no ano de 1996. Nessa época havia no lado sul da TI apenas quatro aldeias: Toldo, Figueira, Sede e Bugio. A comunidade da Aldeia Sede resolveu retomar um território que havia sido invadido por colonos da região e assim nasceu a Aldeia Palmeirinha. O nome se deu devido a uma floresta de palmeira real próximo ao local de acampamento dos indígenas, que infelizmente foram cortadas para manutenção do pessoal do acampamento.

Com o passar do tempo os invasores se retiraram e foi eleito o primeiro Cacique da Aldeia Palmeirinha. A nova aldeia começou a ser estruturada pela comunidade, mas a conscientização e o respeito e cuidado com o meio ambiente nunca estiveram presentes entre a comunidade e por isso, ao longo desses anos de sua existência, gerou um problema quanto a poluição e produção de lixo doméstico.

2. O lixo: sua produção e destinação na Aldeia Palmeirinha

Como já foi mencionado em linhas anteriores, atualmente existem aproximadamente 2.000 pessoas entre o Povo Xokleng/Laklãnõ, vivendo em uma área bastante reduzida para esta quantidade de indígenas, tendo sobrado poucas áreas para o plantio no fundo de um vale, devido à barragem para contenção das cheias nas cidades do vale do Rio Itajaí. As principais atividades geradoras de renda são a produção agrícola de alimentos, plantio de árvores de reflorestamento (eucalipto), criação de pequenos animais (porcos e galinhas), produção de artesanato, ocupação de funções como professor e gestor nas escolas indígenas, vigias e serventes nestas escolas, Agentes Indígenas de Saúde (AIS), Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN), enfermeiros e algumas pessoas se empregam também no mercado e indústria local nas cidades próximas.

A partir da segunda metade do século XX, o consumo de produtos industrializados pelos Xokleng/Laklãnõ tem aumentado e isso se tornou preocupante, não apenas com a mudança de hábitos, mas com o destino que se dá para a grande quantidade de embalagens. Atualmente na aldeia Palmeirinha o lixo é recolhido uma vez por semana pelo caminhão de coleta. Mas isso nem sempre aconteceu, alguns anos atrás o lixo ficava jogado em qualquer lugar, quando não era queimado.

Desta maneira, busquei levantar dados com esta pesquisa sobre se os Xokleng/Laklãnõ da Aldeia Palmeirinha fazem a seleção e que destino eles dão para o lixo doméstico. Também procurei saber se há um trabalho de conscientização, quem são os agentes desse trabalho e como isso de alguma maneira pode contribuir para haver uma mudança de hábitos na comunidade indígena.

Após o contato, o meio ambiente na Terra Indígena (TI) Ibirama/Laklãnõ passou a sofrer vários impactos e um deles foi o desmatamento. O modo de vida dos Xokleng/Laklãnõ também sofreu um impacto negativo, pois meu povo começou a viver do que plantava e não só da caça, pesca e coleta dos frutos das estações, cuja prática era menos ofensiva para o meio ambiente.

Neste momento cabe uma breve explicação sobre o conceito de meio ambiente que estou me apropriando para analisar o contexto vivenciado na aldeia Palmeirinha. Para este entendimento trago a pesquisadora Paula Brügger (2204, p. 54-55) que nos convida a repensar

o conceito de meio ambiente. Para a pesquisadora este conceito é “frequentemente” reduzido a sua concepção “técnico-natural” o qual chama de “conceito oculto de meio ambiente”,

Onde prevalecem as necessidades de preservação do potencial produtivo dos ecossistemas, dos recursos naturais e o estudo de seus distúrbios, como a poluição ou a extinção massiva de espécies, e não um conceito total, que inclui o ser humano e sua dimensão histórico-social.

Concordo, assim, com Brügger (2004) e acolho a definição de meio ambiente que inclui a dimensão humana em um contexto histórico e social, mas também incluo as especificidades culturais presentes em cada povo, uma vez que trata-se aqui de um estudo em comunidade indígena.

Nos anos de 1960 já havia a exploração do palmito na TI Ibirama/Laklãnõ, e no final da década de 1970 e início da década de 1980, com a primeira enchente da Barragem Norte, as terras cultiváveis ficaram alagadas, fazendo com que os Xokleng/Laklãnõ subissem os morros onde as terras não eram propícias para o cultivo de alimentos levando-os à necessidade de sobreviver, sendo assim foram influenciados pelos *zug* (não indígenas) para a extração de madeira dentro da TI. Com isso, veio também um maior consumo de alimentos industrializados. Sem ter destino certo para os lixos começou o acúmulo. Algumas famílias optaram pela queima do lixo, talvez por não termos informações suficientes e acreditássemos que estávamos dando um destino certo.

Com o passar dos anos, com as queimadas e derrubadas das árvores, as nascentes e ribeirões foram sendo extintos e a água natural que saciava a sede do meu povo deixou de verter com a abundância de tempos antigos.

Nos dias atuais, o desmatamento ainda é um problema presente na TI, mas não com a mesma intensidade como no passado, pois os Xokleng/Laklãnõ estão tendo alternativas de sobrevivência assumindo postos de trabalho fora das aldeias seja no comércio como nas propriedades de agricultores locais. Também têm assumido na área da educação como professores nas escolas indígenas da TI, bem como na saúde nos cargos de enfermeiros e Agentes de Saúde Indígena (AIS) e Agentes de Saneamento (AISAN).

Atualmente a TI Ibirama/Laklãnõ continua sofrendo com as constantes enchentes que vem provocando a erosão do leito do rio e deslizamentos de terras nas encostas, consequência

do uso impróprio do solo e do desmatamento. A erosão provocada pelas constantes enchentes resultou na condenação de várias residências. O projeto de construção de novas casas está com data para iniciar as construções em 2015.

Na crença Xokleng/Laklãnõ acredita-se que os desastres naturais são castigos de seres superiores (espíritos da floresta) pelo mau uso das riquezas florestais. Isso fica evidente no depoimento do enfermeiro do posto de saúde na aldeia Sede:

Lembro-me quando pequeno meu bisavó dizia aos meus tios quando iam caçar, para que conversassem com os pássaros e animais explicando o “por que” para que não se revoltassem. (Sidney V.T Ya-ói, Índio Xokleng).

Segundo Silvio Coelho dos Santos em seu livro *Os Índios Xokleng*, memória visual “os índios Xokleng dominavam as florestas que cobriam as encostas das montanhas, os vales litorâneos e as bordas do planalto no sul do Brasil. Eram nômades, viviam da caça e da coleta.” Isso fazia com que se tornassem totalmente dependentes do meio ambiente para sua sobrevivência, levando o meu povo a ter total respeito pela floresta e seus espíritos.

Com o contato em 1914, aos poucos isso foi mudando, não caçavam e não coletavam mais os frutos das estações como de costume. O pacificador Eduardo Hoerhan ensinou a plantar seus alimentos e a consequência do contato também foi a compra de alimentos industrializados, começando assim a produção de lixo dentro da aldeia.

Sabemos que cada povo tem suas crenças e costumes, que acreditam que acima de “nós” existe um “ser” superior que nos guarda e nos protege. Com o povo Xokleng/Laklãnõ não é diferente, pois acreditamos que acima de tudo a nossa “Mãe Terra” nos acolhe e nos alimenta. Temos como nossa maior crença tradicional o meio ambiente e com ele seus espíritos como os pássaros e outros animais. Acreditamos também que se não a respeitarmos, ela de um jeito ou de outro nos castigará.

Durante a minha pesquisa na Aldeia Palmeirinha, pude observar uma grande preocupação quanto à questão do lixo, as famílias pesquisadas fazem o que podem para cuidar do lixo em suas casas. Mas percebi uma grande carência quanto às instruções de como se deve cuidar do lixo. Segundo o dicionário de língua portuguesa (FERREIRA, 1999, p. 1190), o lixo é “1. Tudo aquilo que se varre da casa, do jardim, da rua e se joga fora; entulho. 2. Tudo o que

não presta e se joga fora. 3. Sujidade, sujeira, imundície. 4. Coisa ou coisas inúteis, velhas, sem valor”. Pesquisadores como Jardim e Wells (1995, p. 23; apud MUCELIN; BELLINI, 2008, p. 113) entendem o lixo como sendo “[...] os restos das atividades humanas, considerados pelos geradores como inúteis, indesejáveis, ou descartáveis”.

O destino do lixo na TI Ibirama/Laklãnõ é assunto tão importante quanto o lixo nos centros urbanos, onde sua produção é mais intensa. Segundo Mucelin e Beline (2008, p. 112),

as alterações ambientais ocorrem por inúmeras causas, muitas denominadas naturais e outras oriundas de intervenções antropológicas, consideradas não naturais. É fato que o desenvolvimento tecnológico contemporâneo e as culturas das comunidades têm contribuído para que essas alterações no e do ambiente se intensifiquem, especialmente no ambiente urbano.

Nas casas observadas não havia lixo espalhado ao redor da residência, o entorno apresentava-se muito bem cuidado e o lixo produzido diariamente em um só lugar.

Como mencionado, atualmente na Aldeia Palmeirinha o lixo é recolhido uma vez por semana pelo caminhão da coleta de lixo do município. Mas isso nem sempre aconteceu, alguns anos atrás os lixos ficavam jogados em qualquer lugar, quando não eram queimados. No depoimento de uma moradora da Aldeia Plameirinha, entrevistada para esta pesquisa, este comportamento é afirmado: “quando eu vim morar pra cá, eu fui morar com meu sogro la no “Platê” e a gente queimava o lixo.” (C.J.).

A maior parte da população Xokleng/Laklãnõ atual não tem consciência da importância que o meio ambiente tinha para seus antepassados. Após a pacificação, como já foi mencionado antes, meu povo aos poucos foi se apropriando dos produtos e das tecnologias ocidentais, tanto por curiosidade quanto por necessidade.

Ferramentas, roupas, produtos domésticos e, principalmente, os alimentos industrializados começaram a fazer parte do dia-dia do povo, que em princípio foram oferecidos como presente de amizade e ao longo desse contato pacífico serviu como instrumento de dominação e mudança cultural desse grupo social. Tudo isso contribuiu para uma grande mudança no sistema tradicional Xokleng/Laklãnõ, que era o de ligação profunda com os espíritos do meio ambiente que lhes ensinavam tudo o que precisavam para manter-se conectados uns aos outros de uma forma a se considerar parte uns dos outros.

Acreditam tradicionalmente também que a falta da prática adequada dos rituais sagrados de utilização dos elementos do meio ambiente em suas vivências pode provocar a fúria destes espíritos contra uma pessoa da família e até mesmo contra o povo. Entre os anciãos do povo, as tragédias, catástrofes que ocorrem nos dias atuais na TI Ibirama/Laklãno, são atribuídas ao desrespeito com os espíritos do meio ambiente. O lixo e o desmatamento são causadores dos deslizamentos e enchentes mais do que o normal, mas na visão dos anciãos isso tudo é devido ao desrespeito com o meio ambiente.

Ao conversar com Dona Josefina da Silva, umas das anciãs da aldeia Palmeirinha, ela me relatou a preocupação e a grande tristeza que sente ao ver que sua geração vem desrespeitando o que antigamente era muito importante para a sobrevivência da comunidade. Ainda diz que junta o lixo que produz diariamente e o coloca em um saco para o caminhão da coleta. Diz também que é o mínimo que ela pode fazer para cuidar do meio ambiente. Ao me relatar sobre como viviam antigamente, começou a lembrar de fatos que ocorriam no cotidiano do Povo Xokleng/Laklãno. Em uma das suas histórias ela tentou me mostrar como era a relação dos “Dén Plul” (termo usado por ela para se referir ao índios) com o meio ambiente.

Lembro uma vez quando fui com minha mãe no mato caçar, éramos em bastante junto com nós tava o veio Vomble e depois de tanto andar paramos em baixo de um pé de “KAKUTXUG” (araçá) e ele disse:

- Gynh mō ne, Jô ma dén kónã tóg ma Jô kágtan, jê ta enh nekuké tug, enh kujel ku txó ko vã.

Depois de ter explicado por que ele estava tirando os frutos daquela árvore, ele tirou e a gente comeu e depois continuamos a andar, eu não entendia por que ele falava com a árvore porque eu era pequena, mas sabia que tinha uma grande importância, continuamos a andar pelo mato e no outro dia ele tirou “KAGGLÓ” (mel) e de novo conversou com as abelhas.

- Kaggló enh txó kujel,ku a kónãg kateg,enh txoju tug,enhõ ma a Kóbé Jô ma tovanh jê nu enh kagag tanh.

Então ele tirou e comemos, assim ele fazia sempre.” (Josefina da Silva, índia Xokleng/Laklãno).

Durante a minha pesquisa procurei explicar às pessoas sobre essa relação que nossos antepassados tinham com o meio ambiente e com isso iniciar um trabalho de conscientizar as

famílias de que não devemos deixar o lixo espalhado, pois além de desrespeitar o meio ambiente, isso pode nos causar várias doenças.

Ao conversar com a enfermeira da Aldeia Palmeirinha, Nésia Namblá, durante o mês de dezembro de 2014 no Posto de Saúde da Terra Indígena Ibirama Laklãnõ, ela me relatou a preocupação que ela tem quanto ao lixo, porque há muitos casos de doenças causadas pelo lixo dentro da aldeia. Questionei-a sobre de quem deveria partir essa conscientização e ela me respondeu dizendo: “Eu acho que não é só o dever do pessoal da saúde, mas sim de todos como a escola, os AISANs e SESAI se juntar e começar a se preocupar mais com a questão do lixo.”

A enfermeira também me relatou que alguns anos atrás, quando começou a trabalhar naquela época ainda como agente de saúde, eles recebiam orientações para passar para a comunidade, mas com o decorrer dos anos isso não aconteceu mais. O motivo que levou a não haver mais ações de orientação na comunidade indígena é desconhecido da enfermeira do Posto de Saúde Indígena, mas vemos a necessidade de uma retomada com divulgação de materiais informativos e possíveis cursos de orientação. Sua maior preocupação é sobre as fraldas descartáveis, segundo ela embora algumas famílias guardem o lixo para o caminhão de coleta levar, há ainda algumas famílias que não fazem isso, deixando ao ar livre. Isso fica evidente no seu depoimento abaixo:

sobre a questão das fraldas descartáveis, todos nós usamos em nossos filhos, mais a gente vê em algumas casas jogadas ao ar livre, sem eles terem a consciência que isso vai demorar para se decompor. (Nésia Namblá, enfermeira na Aldeia Palmeirinha).

Com os depoimentos e relatos colhidos concluí que na Aldeia Palmeirinha há sim uma preocupação sobre esse assunto entre as gerações atuais, mais pela higiene por parecerem “caprichosos” em suas casas, e dos anciãos a preocupação com o desrespeito ao meio ambiente, e os profissionais da saúde pelo bem estar e saúde da comunidade. Mas todos tem consciência que são graves os riscos que pode trazer o lixo sem tratamento adequado, tanto é que me relataram algumas soluções para o destino do lixo na aldeia, como oficinas sobre separação do lixo, como devemos guardar e ensinar a reciclar.

Pois o que sabem e o que fazem com o lixo aprenderam com os meios de comunicação (na televisão) e não pelos órgãos especializados como a SESAI e a FUNAI, que trabalham na aldeia.

Tudo que eu aprendi sobre o lixo, eu vi na televisão ninguém me ensinou. Esses dias eu vi na televisão umas mulheres que faziam bolsas com coisas recicladas, achei muito interessante. (Depoimento de Célia Ananias, moradora da Aldeia Palmeirinha. Coletado em dezembro de 2014).

A participação dos anciãos é fundamental para a elaboração de propostas para o tratamento do lixo na TI e como isso afeta culturalmente este povo. Os Kujá (anciãos mais sábios) tem o conhecimento ancestral dos Xokleng/Laklãnõ, tendo uma relação íntima com o meio ambiente, e a compreensão de que é preciso viver em harmonia, respeitando aquela que nos abriga e nos alimenta.

Sendo assim, com os depoimentos colhidos, concluo que é sim possível resolver a questão do lixo na Aldeia Palmeirinha, pois todos têm a consciência e a preocupação quanto às consequências danosas que o acúmulo de lixo pode trazer para nossa comunidade. Trata-se hoje não apenas de um assunto ambiental, mas também cultural, uma vez que implica em uma auto reflexão sobre hábitos e práticas.

3. Considerações Finais

Assim como a sociedade não índia vem se transformando para suprir suas necessidades, nós Laklãnõ depois da “Pacificação” e com o contato intenso com a sociedade regional, também vimos nossa sociedade se transformando, adquirindo novos hábitos culturais como o consumo de produtos industrializados, que até então eram desconhecidos para nós.

Sabendo do respeito que os Xokleng/Laklãnõ tinham com o meio ambiente, a presente pesquisa procurou trazer à tona um assunto que revela um desrespeito com o meio ambiente, sendo o lixo produzido na Aldeia Palmeirinha nos dias atuais. Acredito que este desrespeito provenha do contato com o não índio.

Segundo Silvio Coelho dos Santos (1997, p. 16),

“o mundo Xokleng não era um paraíso como muitos podiam imaginar. Era um mundo de forte interdependência com a natureza. Os sucessos alcançados eram consequência do esforço individual e coletivo, e baseados nos diversos saberes que diversas gerações haviam desenvolvido para aproveitar aquele espaço ecológico que elegiam como seu habitat.”

Santos fala ainda que os Xokleng/Laklãnõ “eram nômades, viviam da caça e da coleta. A mata atlântica e os bosques de pinheiros (araucárias) forneciam tudo o que necessitavam para sobreviver.” (1997, p. 15).

Percebo, então, que o problema que vem sendo enfrentado pelos Xokleng sobre a questão do lixo é um reflexo do contato com os não índios, pois deixamos de consumir apenas os frutos das estações para consumir produtos industrializados.

Rodrigues (2013), citando Scarlato (2009) e Lima (2005), diz que “o lixo é todo e qualquer resíduo que o homem produz em suas atividades do dia a dia ocorrendo quase que simultaneamente em todo o mundo.” Com isso devemos tratar a questão do lixo não mais como um problema, mas sim procurar soluções para diminuir a sua preocupação. Scarlato ainda diz que

“adotar reciclagem significa ainda assumir um novo comportamento diante do ambiente, conservando-o o máximo possível. Como proposta de educação ambiental a reciclagem ensina a população a não desperdiçar, a ver o lixo, como algo que pode ser útil e não uma ameaça.”

Quando Scarlato fala que “devemos adotar um novo comportamento diante do ambiente”, isso me faz pensar que meu povo está diante de uma nova mudança cultural. Antes do contato tínhamos uma relação íntima com o meio ambiente, e depois da pacificação fomos obrigados a desenvolver a agricultura de subsistência e nos adequarmos aos produtos feitos pelos não índios para podermos nos alimentar e nos vestir conforme as novas regras de sociabilidade. Hoje, vivenciamos as consequências do acúmulo de lixo e a necessidade de dar um tratamento adequado a este, ou seja, o povo Xokleng está em vias de uma nova mudança cultural que é a sua relação com o lixo produzido. Devemos então sensibilizar as pessoas que o lixo pode trazer danos para a nossa saúde e também para o meio ambiente, mas também

levar ao conhecimento da comunidade que se tratado corretamente, pode trazer benefícios para a própria comunidade. Mostrar também que o tratamento adequado do lixo não é apenas sinônimo de higiene própria, mas sim de cuidado com o meio ambiente.

Nesse sentido cabe empreender um projeto de educação ambiental, mas não no sentido de “adestramento ambiental”, mas como uma nova educação que promova uma “visão crítica e criativa da realidade”, como coloca Brügger (2004, p. 40), que engloba tanto os conceitos técnicos como o processo de produção de conhecimento que se dá através da aprendizagem. Isso nos leva a pensar também na necessidade de termos uma outra escola, não a criada dentro de um contexto de reprodução cultural da sociedade hegemônica ocidental, mas uma escola voltada para a aprendizagem global.

Como podemos ver, o tema do lixo é muito importante e deve ser discutido com a comunidade Xokleng/Laklãnõ no sentido de construir propostas para sua destinação. O lixo não é apenas um tema, mas um problema vivenciado hoje por toda a humanidade. Não apenas as comunidades indígenas estão aprendendo sobre sua complexidade, mas também várias sociedades no planeta. Assim, vejo neste tema e problema, que pode ser abrangido para a questão da educação ambiental, como uma possibilidade de pesquisa para mim na academia.

Referências

BRÜGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental**. 3 ed. Chapecó, SC: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

FERREIRA, A. B. de H.. **Dicionário Aurélio eletrônico século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-ROM.

MUCELIN, Carlos Alberto; BELLINI, Marta. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. In.: **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 20, p. 111-124, jun. 2008.

NAMEM, Alexandro Machado. **Botocudo**: uma historia de contacto. Florianopolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1994, 111p.

RODRIGUES, Delmira Silva Santos; et al. Educação Ambiental na Terra Indígena Raposa Serra do Sol: região Ingarikó – Wítípî/Uiramutã - Roraima. Disponível em: <http://conferencias.ifrr.edu.br/index.php/IIforum/IIforum/paper/viewFile/95/29>. Acesso em: 20/01/2015.

SANTOS, Sílvia Coelho dos. **Índios e brancos no Sul do Brasil**: a dramática experiência dos Xokleng. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: Edeme, 1973. 313p.

_____. **Os índios Xokleng**: memória visual. Florianópolis: Ed. da UFSC; [Itajai]: Ed. da Univali, 1997. 152p.

WEBER, Cátia. Tornar-se professora Xokleng/Laklano: escolarização, ensino superior e identidade étnica. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Educação. 2007.

WIIK, Flávio Braune. Doenças e Transformação Sócio-cultural entre os Índios Xokleng. NESI/PPGAS/UFSC. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5124&Itemid=359. Acesso em: 26/01/2015.